

O ENIGMA DO CORPO NO TRABALHO¹

Yves Schwartz

O corpo é um enigma: oposto à mente, ao pensamento, ele não fala, não se diz e, no entanto, faz, age para que se possa viver. Um enigma particularmente incômodo para o nosso mundo humano, que é um mundo social: a vida social supõe normas, leis, regras homogêneas para a vida em comum, e os corpos são, como ameaça latente, uma reserva inesgotável de heterogeneidades.

É um enigma desconfortável em especial no campo do trabalho: no escopo das estratégias, dos objetivos antecipados e daqueles elaborados à distância da atividade de trabalho, a atividade deve decorrer seguindo prescrições, procedimentos e programas que independem das pessoas e, por conseguinte, de suas singularidades pessoais das quais o corpo é a face mais eloquente. Portanto, houve – e é inevitável que haja – tendências muito fortes de reduzir o corpo ao fazer dele um mero instrumento da parte pensante e decisória da pessoa humana.

1. A filosofia e o corpo: um lento avanço na direção do conceito de atividade

Este disciplinamento do corpo começa com a própria história da filosofia. Se esta é a busca da beleza, do bem e da verdade, tais ideias devem escapar à diversidade de enraizamentos humanos, enraizamentos passionais provocados pelos desejos, forças e

¹ Conferência no l'Institut Fédéral des Hautes Études en Formation Professionnelle, Lausanne, 11 de maio de 2017. Originalmente publicado como: *L'énigme du corps au travail*. Revue *Ergologia*, n. 19, maio 2018, p. 151-174.
Traduzido por Ananyr Porto Fajardo e revisado pelo autor.

frustrações de nossos corpos singulares: exigência de uma espécie de “ascese heroica”. Os corpos devem ser neutralizados se, para Platão, quisermos contemplar as Ideias eternas por meio da Reminiscência. Em Descartes, apenas a alma, como substância que pensa, pode acessar as ideias inatas, sementes de verdade vertidas em nós por Deus, das quais aquela da substância estendida permitirá acessarmos o conhecimento de nosso corpo. Para Kant, somos obrigados a viver em um mundo de espaço e de tempo, mas esta experiência não é uma experiência dos corpos. Ela se estrutura universalmente em um “eu transcendental” que nos permite compreender como todo conhecimento é possível; e o nosso juízo moral só tem valor universalizável se escapar a toda inclinação sensível em nós.

Assim, a dominação do corpo pode parecer conjurada. Porém, isto nunca foi tão simples assim. Por trás do que se pode chamar “dualismo”, o enigma do corpo continua latente.

Nenhum destes filósofos ignorou a necessidade de evocar as dinâmicas obscuras que religam nossas faculdades consideradas heterogêneas (aquelas que olham para a verdade e aquelas que são incorporadas), de antemão separadas para melhor purificar as primeiras. Em nosso artigo de 2007, evocamos o duplo percurso do conceito de atividade no pensamento filosófico, que é também o reconhecimento em segundo plano do corpo como parceiro obscuro destas dinâmicas.

O primeiro percurso faz seu traçado na construção de requisitos de um pensamento humano capaz de dar conta das condições de possibilidade de uma apreensão de verdades universais. Sem evocar aqui a definição da alma em Aristóteles (para quem evidentemente a hierarquia de suas diferentes funções é mencionada, mas não como problema), Descartes, depois de ter mostrado em “Regras para a direção do espírito” (1627) a necessidade de restringir, mas não ignorar, as outras faculdades além do entendimento, encontrou este problema das interações obscuras após ter estabelecido a “terceira substância”, “a união da alma e do corpo” na “Sexta Meditação”(1641). Com esta terceira substância, surge uma verdadeira dificuldade. Por um lado, o papel do corpo não pode ser eliminado no segundo percurso, o menos “nobre”, aquele que tenta pensar mescla obscura de pensamento eficaz e gestualidade, virtuosidades corporais

e técnicas, que desde Platão os filósofos identificaram nos artesãos de seu tempo. Por outro, o primeiro percurso, preocupado em pensar como as faculdades humanas podem se mover na abstração matemática e metafísica, desejaria, ao contrário, conter da maneira mais reduzida possível o papel das faculdades imaginativas e sensíveis. Porém, até que ponto pode-se pensar o pensamento sem o corpo, ou pelo menos sem uma forma de atividade que não pode se alojar a não ser nele? Então, pergunta-se: é possível apreender conceitualmente a sinergia entre faculdades heterogêneas, das quais fazem parte poderes a-conceituais?

É este constrangimento à sinergia entre faculdades heterogêneas que vai dar início, quase de maneira subterrânea, a construção discreta de algo como a “atividade”. Para nós, a obscura missão deste conceito, tanto quanto o identificamos na filosofia clássica, é sugerir estas estranhas e sempre obscuras mediações, sem para tanto abandonar o campo da ambição epistêmica (o primeiro percurso). Por exemplo, na sua correspondência com Descartes (1643), a Princesa Elisabeth da Boêmia esforça-se para compreender a relação entre a alma humana, sem extensão, e o corpo humano, que é um elemento físico, parte integrante da extensão: se você quiser comprovar a distinção existente entre a alma e o corpo, responde Descartes, apenas os poderes do entendimento podem fazê-lo, a imaginação, as paixões não são de nenhuma ajuda. Porém, uma coisa diferente é tentar compreender como a alma “tem a força de mover” o corpo (21/05/1643).

Este problema pode ser expresso conceitualmente, mas não será resolvido com os únicos poderes do entendimento. É necessário relacionar nosso poder de conhecimento com algo que não tem nada a ver com ele. Não tentem pensar nesta união das duas substâncias, pensante e estendida, da maneira como os filósofos comprovaram a distinção. Quanto menos filosofarmos sobre este assunto, mais teremos certeza quanto a esta união. Não se trata de uma verdadeira provocação, explica Descartes à Princesa: “(...) *as coisas que pertencem à união da alma e do corpo não se conhecem senão de maneira obscura apenas pelo entendimento e até mesmo pelo entendimento auxiliado pela imaginação, mas se conhecem de maneira muito clara pelos sentidos*”. Uma vez bem assimilados os

princípios metafísicos, é melhor dedicar “o resto do tempo que tivermos para o estudo, nos pensamentos onde o entendimento age com a imaginação e os sentidos” (28/06/1643).

Embora a palavra “atividade” não seja mencionada nestas Cartas, a ideia de “agir com” (ou seja, o agir conjunto, a sinergia entre o entendimento, a imaginação e os sentidos) sinaliza para a necessidade de mais ou menos recosturar as diversas faculdades humanas que o próprio interesse e a credibilidade do conhecimento especulativo tinham cindido anteriormente. Afinal, parece claro e distinto que este “agir com”, que nada mais é do que a unidade resgatada da pessoa humana, não poderia ser concebida maneira clara (ver, por exemplo, Guérout, 1953, volume II, p. 134)².

Parece-nos que pela primeira vez na história da filosofia é afirmado de maneira explícita que um pensamento está condenado a continuar obscuro, enigmático. E isto concerne, ao nosso ver, e é pleno de sentido, ao primeiro surgimento de algo como a atividade, ou seja, a sinergia, a “recostura” e m nós das partes “heterogêneas” de nós mesmos, corpo e alma... É por esta razão que a tese da existência desta sinergia é tão oposta à tentativa ascética e heroica de separação anterior – mas que, no entanto, conduz a ela –, é tão difícil de expor sob uma forma racional e conceitual, que este reconhecimento continua a ser bem discreto. Porém, por mais discreto que seja, este reconhecimento do desafio ao dualismo parece-nos profundamente instrutivo.

Poderíamos dizer tanto ou mais sobre o conceito de atividade (*Tätigkeit*) em Kant. Sugerimos em outra publicação (Schwartz, 2000) como, após Descartes, a necessidade de recosturar as partes desmembradas da alma, algumas das quais não podem ser compreendidas sem o corpo, se alimentavam daquilo que o idealismo alemão chama de noção de atividade limitada ao domínio da mente, mas que integrará de maneira progressiva as potências do corpo. Em resumo, para além da filosofia clássica, diversas correntes filosóficas tentaram, cada uma à sua maneira, reintegrar o enigma do corpo à sua

² Não podemos deixar de mencionar aqui a Carta de Descartes à Princesa Elisabeth (06/10/1645), na qual ele explica porque a nossa alma consegue sentir satisfação depois de esforços físicos: estes exercícios comprovam a força ou a virtuosidade à qual o corpo está ligado.

própria especulação antropológica. Isto é verdade, por exemplo, em Maine de Biran no início do século XIX, ou em Nietzsche que, de maneira provocativa, inverte o dualismo em proveito de uma entidade englobante, o corpo “*como grande sistema de razão*”, que procura alargar o seu domínio sobre a vida e que, portanto, será legado a nós, como seres de razão, sempre obscuro, sempre enigmático: “*Sou todo corpo e nada mais; a alma não é mais do que uma palavra para uma parcela do corpo*”. Chama-se “Si” este “sábio desconhecido”. “*Há mais razão no teu corpo do que na tua melhor sabedoria*” (“Assim falou Zarathustra” em “*Les contempteurs du corps*”, 1958, p. 30-31). Aliás, foi em parte por esta razão que em 1987 escolhi “si” e não “sujeito” para nomear este enigmático “uso de nós mesmos” na atividade de trabalho.

Outros grandes nomes cumpriram um papel no registro filosófico para recentrar o pensamento em torno da presença do corpo em penumbra, como Merleau-Ponty e a noção de corpo próprio. Porém, ao meu ver, exceto em parte ao trilhar o segundo percurso, aquele do agir técnico (Bergson e Canguilhem, e do lado da antropologia seja francesa – André Leroi Gourhan, – ou alemã), não há nada ou quase nada sobre o que nos interessa: o que dizer do corpo que faz, o que dizer do agir industrial e de suas escolhas imperceptíveis, como esta sabedoria do corpo interage com a sabedoria da mente, pode-se mesmo falar de interação? Como o corpo participa das decisões do gesto, como pode ser parte decisória? Se assim for, ainda se trata do “corpo”?

Tampouco encontramos esta dimensão profundamente enigmática, talvez ainda menos em todos aqueles representantes da *French philosophy* tão valorizados nos Estados Unidos e que conhecemos no seu período de glória parisiense da década de 1960. Encontraremos toda uma filosofia crítica do “sujeito” na filosofia althusseriana, sujeito obscuro a ele mesmo, sujeito interpelado pelos “Aparelhos Ideológicos de Estado”, mas jamais operário, empregado, confrontado com todo tipo de variabilidades materiais, ambientais, sociais, e que deve administrar no aqui e no agora com seu “Si”, não mais o corpo mais do que a alma ou a alma mais do que o corpo. Todos conhecem a biopolítica de Michel Foucault, mas onde encontrar neste autor exemplos, atenção mais generosa aos gestos, às micro

reinvenções, em que para além dos dispositivos de normalização, o mundo do trabalho manifeste sua criatividade, seus projetos infinitesimais, individuais e coletivos, de produzir o mundo de outra maneira?

Eis uma constatação que pude fazer durante o meu longo percurso intelectual e social: afora algumas grandes exceções, a filosofia “passou ao largo” do trabalho, ou melhor, passou ao largo do corpo humano em seu agir no trabalho. Ora, ao meu ver, se passamos ao largo desta dimensão tão enigmática, passamos ao largo do trabalho e, no fim das contas, maltrata-se tanto a própria filosofia como o governo do trabalho.

É preciso dizer que nossos contemporâneos foram, sem dúvida, vítimas daquilo que chamei de um “taylorismo de duplo efeito”, em referência à máquina a vapor de duplo efeito inventada por Watt no fim do século XVIII. Temos dificuldade em nos desvincular de um olhar simplificador sobre o agir no trabalho, a partir do momento em que a revolução industrial pretensamente o simplificou para desenvolver imensamente sua produtividade. Mesmo Marx, um dos raros grandes filósofos a ter-se apropriado do agir produtivo humano, conseguiu fazer pensar às vezes que tinha levado a sério o projeto de simplificação do trabalho, a ideia de que “*o trabalho simples se tornou eixo da indústria*”. Em “A Miséria da Filosofia”, escreve ele: “*Os homens apagam-se na frente do trabalho (...) o tempo é tudo, o homem não é mais nada; é no máximo a carcaça do tempo. Não é mais questão de qualidade*” ou, no máximo, “*uma qualidade da última qualidade, que está longe de ser uma especialidade distintiva*” (p. 64-65). A produção moderna teria conseguido homogeneizar essencialmente os produtores, tornando-os intercambiáveis; ela teria anulado suas diferenças corporais, e com elas o efeito produtivo destas diferenças: “*um homem de uma hora vale outro homem de hora*” (*ibid*). As virtuosidades individuais, as singularidades gestuais fariam parte do passado do trabalho.

Sabe-se que esta intenção de permutabilidade vai encontrar, de certa forma, uma concretização com a Organização Científica do Trabalho de Taylor, que constata que esta ambição de simplificação do trabalho é inconclusa, confusa nas fábricas norte-americanas frequentadas por ele como engenheiro. É necessário pôr um fim, pensa

ele, no fato de que, para os operários, “*existem de maneira corrente numerosas maneiras de executar o mesmo trabalho, talvez quarenta, cinquenta ou cem maneiras de realizar cada operação que constitui o trabalho de uma profissão*” (1912, p. 31-32).

Aquilo que chamamos de quatro critérios do taylorismo (2000b, p. 333-358), com o acoplamento e a proporcionalidade entre ritmo de atividade máquina e ritmo de atividade humana, objetiva produzir uma relação de submissão do corpo com o tempo, do corpo com a antecipação exaustiva das sequências de atividade por *one best way* dividido e concebido pelo departamento de métodos. Qualquer decisão do executante para agir *in situ*, ajustada à sua maneira de viver de corpo e alma o uso que se quer fazer dele pareceria uma transgressão, a rigor impossível, ou no mínimo improdutivo. Eis o que bem diz Georges Canguilhem em “*Milieux et Normes de l’Homme au Travail*”, notável texto de 1947³:

“Da mesma maneira que, segundo os behavioristas como Watson e Albert Weiss, o poder determinante do meio domina e anula a constituição genética e as aptidões do indivíduo, de acordo com Taylor, um conjunto de mecanismos sendo dado, é possível, por assimilação do trabalho humano a um jogo de mecanismos inanimados, de fazer depender inteira e unicamente os movimentos do operário do movimento da máquina, regulada segundo as exigências do maior rendimento econômico [...]” (“*Obras Completas*”, Tomo IV, p. 298-299).

O taylorismo possui um duplo efeito, pois este ideal do trabalho simplificado e dessingularizante foi, exceto algumas raras exceções (Simone Weil), levado a sério no campo intelectual quando se interessa por pensar sobre o trabalho. Esta visão é ainda mais preocupante pelo fato de que se a Organização Científica do Trabalho (OCT) recuou de onde começou, ela continua a se desenvolver em inúmeras atividades de serviços, como por exemplo o telemarketing e toda gestão que privilegia o procedimento.

É talvez voltando à origem da filosofia que se encontrará as interrogações sobre o enigma do corpo no trabalho, no decorrer deste

³ N. T.: No Brasil, foi publicado como “Meio e normas do homem no trabalho”. Proposições. 12(2-3): 09-121, jul.-nov. 2001. Tradução de Conceição Vigneron e revisão técnica de Maria Inês Rosa, com a colaboração de Edith Benard.

segundo percurso, aquele do corpo produtor já evocado. De acordo conosco, encontramos em Platão a origem destes dois percursos.

2. Trabalho, Kairós e corpos

Esta é uma questão política relacionada à divisão das tarefas e responsabilidades na organização da cidade que levou a filosofia a se interrogar sobre o agir técnico: qual é a competência e, por conseguinte, qual é o lugar do artesão nas cidades gregas? Qual é sua especificidade em relação ao trabalho da terra, aos guerreiros, aos sofistas? Sua tecnicidade é feita do quê? Qual é sua *technè*, para retomar um conceito que, em Platão, considere “impossível”?⁴ Uma competência muito ambivalente para ele, mas por um lado bastante negativo, o artesão aparece como “servo do Kairós”, de acordo com Jean- Pierre Vernant (1969).

Kairós, uma noção complexa, mas que vai trazer-nos ao enigma do corpo ao trabalho: Kairós é, no pensamento grego:

“ligado a determinado tipo de inteligência relativa ao contingente (...) que permite à atividade humana se exercer em circunstâncias indefinidamente variadas (...) a obrigação de detectar ou delimitar o Kairós impõe-se nas situações complexas, nas quais um grande número e diversidade de influências em jogo (poikilia, mescla) – exigem do homem uma adaptação a cada vez nova e oposta a qualquer sistema” (Trédé, 1992, p. 18).

Mas não é a evocação de qualquer atividade de trabalho que sempre encontra, aqui e agora, uma diversidade de parâmetros para se ajustar ao que foi pensado à frente, por antecedência a ela e inclusive pelo departamento de métodos do taylorismo? Uma invenção local e, geralmente, imperceptível. E o que pode delimitar, detectar esta diversidade de influências renovada a cada vez se não um misto de memória incorporada, de avaliação dos ensinamentos dos sentidos, nem apenas pensamento claro nem apenas corpo, que aos poucos passei a chamar de “corpo-si”. Isto já era verdade na medicina hipocrática, na qual é esta mistura de informação dos sentidos, experiência e saberes que deve avaliar, na evolução de sintomas de uma crise, o “bom momento” para intervir. Porém, também é

⁴ A respeito destes pontos, ver Schwartz, 2000b, p. 457-466.

verdadeiro para o padeiro, que deve avaliar, de acordo com as circunstâncias variáveis do cozimento, o bom momento para retirar o pão do forno.

É este corpo-si profundamente enigmático que será a instância de decisão do agir, que vai tratar deste ajustamento entre as normas, prescrições, técnicas codificadas na antecedência e esta *poikilia*, esta “mescla” que faz de qualquer situação de trabalho um “encontro de encontros”. Por termos encontrado na atualidade das situações de trabalho esta mescla sempre tão mal avaliada pela cultura e pela gestão, refletindo hoje sobre a noção de competência, fizemos do “saber” enigmático desta mescla pelo corpo- si um dos “ingredientes” de toda competência industriosa⁵. E é por este motivo que, retroativamente, as dificuldades de Platão com esta pergunta – “mas o que sabe o artesão grego?” – me tocam tanto hoje.

Vocês irão me perguntar: mas o que é que permite a vocês generalizar? Imputar a todo agir no trabalho a obrigação de uma “arte do Kairós”, uma arte que leva a abalar a distinção tradicional entre um informador sensorial (o corpo) e um pensamento de decisão, a retomar de maneira crítica as problemáticas demasiadamente redutoras do “sujeito”?

A este respeito, o papel da ergonomia, à qual denominamos ergonomia da atividade (ponto terminal e quase invertido do primeiro percurso já evocado), foi decisivo a partir da década de 1970 com a “batalha do trabalho real”, precisamente nas empresas regidas por um taylorismo estrito: mesmo ali há uma mescla, há variabilidades – muitas vezes ínfimas, imperceptíveis – a serem geridas. Ou o cadinho da “atividade”, como centro de decisão de reajuste do prescrito, como cadinho da arte do Kairós, cadinho das “renormalizações”, ultrapassa, mesmo se a integrar, qualquer deliberação puramente intelectual.

A partir desta proximidade com as instruções do terreno, pudemos afirmar que, para o agir humano, sempre confrontado, desde que humano, com um mundo de “normas”, de normas antecedentes ao seu agir, era impossível e invivível que qualquer um de nós fosse o puro executante. Por conseguinte, sempre existe, visível ou invisível, um debate de normas e o resultado do trabalho de cada um é sempre uma

⁵ Ver Schwartz, 2000b, p. 479-503.

forma de renormalização das normas antecedentes. Porém, desta renormalização, a instância que vive este impossível/invivível e é o cadinho, como demonstram inúmeros exemplos, não pode ser mais do que um enigmático corpo-si, unindo em nós de maneira indeterminável o biológico, o histórico, o psíquico e o social.

3. Corpo-si e esforço de viver: reelaboração da noção de saúde

Recordemos que fomos muito apoiados nesta afirmação genérica por aqueles a quem chamei de nossos “três médicos atípicos” – Alain Wisner, Ivar Oddone e Georges Canguilhem –, já mencionados. Ao contribuírem, cada um à sua maneira, para ampliar o conceito de saúde, os três levam, de acordo conosco, a fazer do “corpo-si” o tema desta busca por saúde. A saúde implica o bem-estar do corpo humano, e, por conseguinte, mantém bastante seu primitivo significado médico. Porém, no seu debate com as normas antecedentes, no seu esforço para gerir o impossível/invivível, ela excede este único nível e negocia seus reajustes possíveis em função de valores sociais desejáveis e a promover.

Vejamos, por exemplo, com Alain Wisner⁶: opera-se nele uma desmedicalização parcial do conceito de saúde no sentido de que algum aspecto da saúde no trabalho atua sobre o grau de capacidade do trabalhador para, aqui e agora, “constituir problemas”.

Isto é verdade a partir do texto de 1972 sobre “O diagnóstico na Ergonomia” (1995). O autor denomina de “estratégias adotadas pelos operadores” (p. 82-83), ou “atividade heurística importante” o que concerne a uma “operária especializada”, a gestão de exigências temporais de longa duração ligadas “à vida do trabalho”, a gestão variável do ruído, seja se preservando pelos meios de proteção (p. 85-86), seja, ao contrário, evitando sua supressão, o que poderia impedir uma tagarelice salvadora (p. 84). O texto “*Constituição de problemas, sua descrição pela análise ergonômica do trabalho*” (1995) retoma o termo “estratégia” dos operadores (p. 135), “tática” (p. 129) e conclui que se as modelagens experimentais sobre as capacidades humanas

⁶ Aqui retoma-se parcialmente os elementos de uma intervenção no colóquio Wisner de 25 de novembro de 2016, no CNAM em Paris (a ser publicado por Octarès Éditions).

são importantes, “*este sucesso não deve levar a negligenciar a descoberta das atividades reais*” (p. 138). Porém, esta atividade real, estas estratégias têm por finalidade a tentativa de preservar vida e saúde no meio considerado:

“Sabe-se há muito tempo na ergonomia que todo o corpo está em jogo no trabalho e que as estratégias adotadas podem dizer respeito à fadiga, à proteção contra a dor ou contra o perigo” (1995, p. 136).

Por conseguinte, a noção de saúde é duplamente deslocada: em relação à sua antecipação e sua definição meramente experimental em laboratório (“*Ou, na realidade do trabalho, nada está dado*”, 1995, p. 134), e em relação à sua polaridade clínica, ultrapassa o “colóquio singular” da prática médica, para só adquirir seu pleno sentido no encontro de um operador com o seu meio industrioso. E lá, o primeiro terapeuta ou aprendiz terapeuta é o operador, ou antes sua atividade; é ele, é ela que vão fabricar aquilo que será o “trabalho real” perante as impossibilidades parciais das prescrições antecedentes.

Com este sentido de “saúde” a partir do qual mede-se a extensão fora de seu uso tradicional, Wisner fez, por conseguinte, parte daquilo que denominamos há pelo menos uma década triade dos três grandes médicos atípicos: o filósofo G. Canguilhem, o professor de Psicologia de Turim; I. Oddone e o ergonomista A. Wisner. Porque “atípicos”? Porque, após seus estudos em medicina, os três foram levados a ampliar o campo em que a noção de saúde poderia tomar sentido e, por conseguinte, desmedicalizar este termo em parte e, então, fazer uso em um sentido mais amplo do que o do único exercício profissional da medicina.

Três características em comum nos levam a aproximá-los, apesar da diversidade dos seus percursos.

Primeiro, digamos que, ao abordar a questão da saúde, cada um à sua maneira desloca-se de uma pura definição genérica, tecno-experimental, enunciada sem diálogo com os humanos engajados no seu esforço de viver, bem como também se desloca do mero frente-a-frente entre médico e paciente no confinamento do consultório médico. A saúde não pode ser compreendida sem nela enxergar uma

tentativa de recentrar, de retrabalhar as normas de seu meio, meio de vida, meio social, meio de trabalho, em torno de suas próprias normas de saúde. Este é o cerne dos ensinamentos de Canguilhem. A saúde tem uma dimensão polêmica, polariza o meio de vida em valores negativos e positivos, sua perspectiva nunca é puramente adaptação a um meio. Quando se trata do homem, o meio não é um meio “natural”, mas um meio social, saturado de normas geradas na história. Se a exigência de saúde visa em todas as circunstâncias as formas possíveis para que o vivente domine, polarize seu meio, é este meio, este meio social que está em questão para o humano. O biológico é um dos polos da noção de saúde, da qual o outro mergulha na vida social. O conceito de corpo-si permite que esta continuidade tão enigmática entre estes dois polos não seja interrompida. O biológico é um apoio da experiência de saúde, mas seu conhecimento nunca é uma condição suficiente.

Em segundo lugar, os três encontraram dois “meios” paradigmáticos que pretendiam impor de maneira exaustiva as normas de vida e/ou trabalho: fascismo e nazismo de um lado e OCT do outro. Seus compromissos foram uma espécie de prova experimental: não conseguir propor suas próprias normas de saúde ao meio pode tornar-se literalmente invivível. A atividade não é apenas necessária para exercer uma tarefa qualquer (o “impossível”), parece ser também uma condição de vida. Possivelmente, a filosofia de Canguilhem conduz a isso em particular, mas colocar o “projeto do trabalhador” no cerne da análise de uma situação de trabalho, conforme pede Alain Wisner, é coerente com ela.

Por fim, embora limitada em todos os três, a singularidade das situações de vida e de trabalho é levada em conta, o que conduz a consequências consideráveis sobre a governança do trabalho e sobre a produção de saberes sobre o trabalho. A Análise ergonômica do trabalho da escola de Wisner a conduz, mas o tema e a prática da “comunidade científica ampliada” de Ivar Oddone (1981) são uma afirmação brilhante, como esta dimensão clínica do normal em Georges Canguilhem⁷.

⁷ *“Aquilo que é normal, apesar de ser normativo em determinadas condições, pode se tornar patológico em outra situação, se permanecer inalterado. O indivíduo é que avalia essa transformação porque é ele que sofre suas consequências, no próprio*

Em relação à nossa problemática do corpo-si, o que é altamente significativo nos três, é o seguinte: no âmago desta dimensão polêmica de toda atividade humana, o debate visível ou invisível entre normas antecedentes e renormalizações tem como bússola uma tentativa de viver em saúde. Desta maneira, nosso “corpo histórico” penetrado de psiquismo e de valores de vida é convidado a se integrar a esta tentativa. Por conseguinte, como seres de atividade, como permanentes renormalizadores das normas antecedentes, nossa vida, e notavelmente nossa vida industriosa, é uma permanente investigação de saúde que deve tentar colocar em sinergia todas as potências, mas também todas as fragilidades de nosso corpo-si. E ninguém pode dizer em nosso lugar qual é, aqui e agora, nossa definição de saúde, pois ela é enigmática.

4. Exemplos

Iremos nos permitir retornar ao famoso exemplo desenvolvido por nossos amigos ergonomistas do CNAM de Paris – Antoine Laville, Catherine Teiger e Jacques Duraffourg – sobre o caso de uma operária de uma empresa de montagem de televisores nos anos 1971-1972⁸. A reorganização da sua tarefa prescrita sobre uma linha de montagem, a redução do tempo e do espaço alocado e a renormalização da ordem das operações permite-nos apresentar quatro proposições que, ao meu ver, são universalizáveis:

- 1- Sempre há uma discrepância entre a programação do trabalho e os atos produzidos.
- 2- Esta discrepância sempre é ressingularizada.
- 3- A entidade que conduz e arbitra a gestão desta discrepância é uma entidade ao mesmo tempo “alma” e “corpo”, à qual denominamos de corpo-si.
- 4- A arbitragem mobiliza um complexo de valores: o trabalho é sempre encontro de valores...

momento em que se sente incapaz de realizar as tarefas que a nova situação lhe impõe.” (Canguilhem, 1966, p. 119).

⁸ Ver Schwartz, 2016, p. 36-49.

Assim, a operária na linha de montagem deve, a todo instante, tentar articular o que resulta da proposição 3 – uma gestualidade que integra as características do seu equipamento corporal singular, sua resistência à fadiga, sua destreza incorporada – e o que resulta da proposição 4, os valores assumidos mais ou menos com clareza do viver em conjunto sobre a linha de montagem. Suas renormalizações a cada momento do dia têm como bússola esta tentativa de sinergia.

Outro exemplo é o do piloto de avião Michel Jouanneaux, que, tendo-se tornado analista da sua própria atividade, procura recompor seus “encaixes” de renormalizações.

A massa de instruções levada por ele na cabine de comando não é absolutamente suficiente para fazê-lo tomar as decisões adequadas a cada momento do seu voo; ele se interroga sobre o “que significa estar presente”, por exemplo, no relato de um voo Paris-New York a bordo de um Boeing 747 (2011, p. 149, 156-157). Ora, a arte do Kairós, sobre o qual já falamos, o tratamento do “*grande número e (da) diversidade de influências em jogo*” devem hierarquizar, colocar em perspectiva estas instruções. Jouanneaux chama esta “mescla”, estes encontros de encontros, de “desordem do real” (p. 155). Diz que é a desordem do real, da realidade do voo no momento presente, e que ninguém consegue antecipar com precisão, que dá o contexto, que ordena em relação a ele esta exigência de “estar presente”. É perante esta desordem, uma desordem relativa, mas desordem mesmo assim, que ele deve estar presente. Ora, nestas condições, a linguagem, inclusive a “linguagem interior”, pois introduz uma distância e uma “defasagem temporal” em relação a este presente que dá o contexto, deve ser inicialmente “desativada” (p. 165). As prescrições, os saberes descontextualizados, aqueles que o modo de proceder ergológico conota como em “desaderência” em relação ao presente do agir, não são deixados de lado, mas todo o problema reside em compreender como podem ser incorporados à atividade, que está lidando com “*o sentido atual "da" missão*” (p. 156), com o tratamento nunca padronizado da desordem do presente.

Ora, para enfrentar a desordem do real, é necessário, diz ele, primeiro “percebê-lo” (1994, p. 39-42). É o corpo-si que vai permitir fixar o “sentido atual da missão”. Para tanto, põe em jogo seus cinco sentidos, além de um sexto, que é “*a sensibilidade proprioceptiva (...)*

Esta faculdade apoiada na multiplicidade de captos sensitivos distribuídos nos músculos e nas articulações” permite-nos controlar a qualquer momento nossos movimentos e nossa posição. Falamos de uma sinergia enigmática: esta “integração multissensorial” tem, diz ele,

“o mérito de acentuar a síntese sensorial, mais do que uma análise inútil. É verdade que, em teoria, pode-se desenvolver uma hierarquia dos sentidos encobertos pela visão; mas não se pode fadigar um homem, e é a coordenação e a integração de todas as fontes sensoriais que permitem que se situe em relação ao mundo externo e se comunique com ele”.

E Jouanneaux dá o exemplo de uma percepção indeterminável por ocasião de uma curva não feita em uma mudança de direção, a desordem do real tendo sido a chegada do chefe de cabina na cabina do piloto (p. 40). Ele conclui que não é necessário opor Ação e Vigilância, uma vigilância que tornar-se-á majoritária com o equipamento cada vez mais automatizado; *“ação não é a quantidade de gestos; existe fundamentalmente um engajamento corporal do piloto, qualquer que seja o sistema de informação ou de comando”*. É este engajamento corporal que informa, tanto para o piloto como para qualquer outro trabalhador, a arte do Kairós, o ajuste ao imprevisível: *“permite responder de maneira adaptada, permanentemente recompondo a ordem das ações necessárias de acordo com a hierarquia das urgências”*. É o corpo-si que possibilita esta hierarquização, ou seja, a condução do voo em segurança.

Na sua obra de 2011, Michel Jouanneaux fornece múltiplos exemplos, apoiados nas neurociências, que outros antes dele (J-C. Kaufmann) denominaram de “extensão da superfície corporal”: como a extensão do campo sensorial dos neurônios de um macaco à extremidade do braço que segura a vara que recebeu para apanhar uma fruta. E cita Guy Jobert, observando que, em uma central nuclear, *“o operador competente “sabe” qual é o estado da instalação porque “sente” no seu corpo”* (op. cit., 159-160).

Uma pesquisadora brasileira, Angela Petrus (2017) relatou que um condutor de mercadorias dizia que dirige seu trem “nas costas”; sente as pressões sobre suas costas, o peso, a natureza do carregamento, a subida, a inclinação dos vagões nas curvas etc.

5. O corpo (-si) em ação nos serviços

Para finalizar, evocaremos alguns exemplos sobre um plano decisivo: este enigma do corpo no trabalho subsiste no mesmo grau quando o contato com a materialidade, de maneira mais ou menos aparente, desapareceu quase ou na totalidade? Falo de atividades ditas de “serviço”, inclusive a nossa (como docentes).

Sem paradoxo, diríamos que esta presença, este enigma, aí estão ainda mais presentes, precisamente porque a variabilidade, a mescla e a incerteza se multiplicam bastante; os “encontros de encontros” são encontros entre seres humanos, entre corpos-si, encontros entre seres cujas singularidades não cessam de se reavivar. Por conseguinte, os encontros não são padronizáveis, são evolutivos, em que os diferentes protagonistas procuram ajustar sua tentativa de viver em saúde à situação aqui e agora. Encontros em que, por conseguinte, a arte do Kairós, a arte de tomar uma boa decisão no momento certo é requerida em um nível superior. E como em qualquer atividade humana, esta arte deve mobilizar de maneira enigmática todos os recursos do nosso ser.

Assim, nossa colega Nicole Mencacci detectou no trabalho educativo, particularmente quando os profissionais acompanham os discentes frente a uma pergunta que os desestabiliza, o que denomina de “engenhosidades educativas”:

“os saberes endógenos, isto é, que são inventados, construídos, criados pelos próprios praticantes, naquele momento, para e por uma ocasião específica apreendida sobre o momento, e para ela apenas... em parte não conscientes, não antecipáveis, não programáveis” (Mencacci et alii, 2011).

A arte do Kairós supõe gerir ao mesmo tempo uma dupla incerteza, a dos alunos e a sua própria (não podem antecipar seu próprio agir). Mencacci distingue dois tipos de engenhosidade: a inteligência do Kairós ou “habilidades prudentes”, *“inteligência do que está em jogo no momento, do que é decisivo, do que altera o curso do problema e o pensamento”*. E o pensamento mestiço, astuto, ou “os jeitinhos”.

No fim de um estudo das engenhosidades educativas em um professor de tecnologia, ela sintetiza a respeito destas “habilidades encarnadas”:

“Constrói-se, por conseguinte, em um mesmo profissional, uma espécie de permanência na maneira de encarnar as habilidades que participam de sua assinatura profissional...”. Para colocá-la em prática, o professor dispõe de vários registros que permitem a interação com os alunos, registros que recorrem ao seu corpo-si (...): a fala, o gestual, a entonação, o tom da voz, as onomatopeias, os deslocamentos do corpo, os gestos, a percepção do clima da turma, a carga emotiva de um grupo...” (Mencacci et alii, 2011).

No âmbito do DESS APST [*Diplôme d’études supérieures spécialisées Analyse Pluridisciplinaire des Situations de Travail*] (2003-2004), tínhamos sugerido como tema de dissertação “O corpo nas atividades de serviço”. A sagacidade, a perspicácia dos profissionais estudantes nos emocionou. Mencionemos um curto excerto do estudo de uma Conselheira de Inserção Profissional (CIP): um exemplo de encontro entre um usuário e uma CIP, onde conhecemos como este “encontro de dramáticas do uso de si”, aquelas da CIP e as do usuário frente a frente, atravessa e se instrumentaliza do corpo:

“as expressões faciais, a postura e a direção do olhar confirmam o interesse ou o desinteresse do usuário frente a uma proposição. Estes gestos são justamente as escolhas, os processos de renormalização, porque a sua percepção pela CIP a leva a reajustar as soluções propostas, que serão reavaliadas igualmente pela percepção de novos microgestos. O mesmo ocorre com a CIP, que o expressa por seus microgestos os seus projetos, seus valores. Se a CIP considera que este tipo de contrato de trabalho não irá contribuir para melhorar a situação do usuário, expressará seu ponto de vista graças aos seus microgestos, como por exemplo, pelo tom da sua voz”⁹.

⁹ Sabine Lauroua, “Les enjeux de la communication non verbale. La face cachée de la relation conseiller /usager dans le cadre de l’activité de conseiller professionnel en insertion”. Dissertação de DESS Analyse Pluridisciplinaire des Situations de Travail, Université de Provence, 2004. Ver, no mesmo sentido, o trabalho de Françoise Lima, 1996, em Schwartz, 2000b, p. 36.

Da mesma maneira, no nosso ensino no Mestrado ATDC [*Analyse du Travail et Développement des Compétences*] (2016)¹⁰, tínhamos proposto este mesmo trabalho distribuindo aos profissionais deste mestrado a dissertação de Sabine Lauroua. Aí também fomos imediatamente compreendidos e pudemos ler as páginas, muitas vezes comoventes, de dois/duas conselheiros/as de inserção profissional e uma assistente social¹¹.

Compreende-se por estes excertos a que ponto a comunicação, a troca, os aparentes privilégios da parte pensante da pessoa, são investidos nas suas modalidades e modulações pelo estado, diferente a cada momento, do corpo-si. A arte do Kairós, a capacidade de sentir, de apreciar por todos os poros da pessoa a complexidade humana e ambiental da situação afetam, investem, determinam em parte, de maneira consciente ou inconsciente, os modos, as escolhas de uso da nossa faculdade languageira.

Teríamos muitos outros exemplos, mas concluiremos com um caso e um texto recente de nossa amiga Christine Castejon, doutora em Filosofia e consultora. Notável “ouvinte” de falas em torno do trabalho que lhes chegam através de suas intervenções, considera que o conceito de corpo-si abre um novo horizonte tanto no campo da filosofia como da gestão. Este conceito:

“ao substituir o conceito de sujeito (...) derruba a barreira entre o sujeito que age, clássico desde Kant, e o sujeito enredado nas malhas da vida material, conforme Marx tinha sido o primeiro a apontar. Seu conceito recusa de maneira implícita este dilema, que ocupou até o esgotamento os debates filosóficos entre um sujeito livre de tudo e um não-sujeito livre de nada. Não podemos decidir tudo em nossas vidas, mas o que fazemos nunca é automático, existindo, por conseguinte, a possibilidade que

¹⁰ Mestrado Análise do Trabalho e Desenvolvimento de Competências, criado por G. Jobert no Conservatório Nacional das Artes e Ofícios de Paris.

¹¹ “Se acredito em uma ação, vou tentar convencer a pessoa à minha frente a tentar a experiência, reduzir o espaço entre ela e eu, baixar o tom da minha voz e torná-la mais vigorosa com naturalidade, explicar longamente a ela a situação como um todo...” (VioletteNeveu). “Com muita frequência, o conselheiro está de pé e, penso eu, de maneira instintiva, sem racionalizar, o tronco inclinado para frente para melhor compreender e apreender a situação. Trata-se, via engajamento do corpo-si, de uma renormalização da atividade que imagina no prescrito – a presença dos bancos está lá para comprovar – o conselheiro bem sentado, costas eretas, em uma situação de superioridade e, desta maneira, dominando a troca” (Eric Vanga).

fazermos de maneira diferente. Não somos e não poderemos nunca ser programados” (Castejon, 2017).

Ela experimenta o investimento da linguagem pelo corpo-si a propósito da expressão empregada por um agente de uma empresa distribuidora de energia: “*Há cortes e cortes*”. Como escutar esta expressão? Impossível separar esta escolha expressiva de uma arte do Kairós, um envio às multiplicidades de situações, às mesclas do real, cada situação de corte de energia ao usuário tem sua singularidade. O significado do corte deve retornar ao que o corpo-si percebe da situação, mais ou menos dramática, mais ou menos aceitável.

“Este conceito de corpo-si permite-nos realizar plenamente que quando o técnico faz o gesto de cortar, é trabalhado por seu trabalho, e o é por inteiro: as emoções, as ideias, os valores, o estado do dia, tudo contribui para o gesto, para a decisão de fazê-lo ou não, de fazê-lo desta ou daquela maneira, acompanhado por esta ou aquela palavra. Confirma que em “há cortes e cortes” se manifesta um desdobramento que não é apenas jogo de linguagem, mas ao contrário, “entrada” do corpo na linguagem”.

A linguagem é investida na expressão pelo corpo-si, pela troca entre seres humanos, entre semelhantes: nos excertos anteriores¹², sente-se as modulações da voz, a escolha das palavras com sua combinação, articuladas com o que o corpo-si do conselheiro “sente” na fragilidade do contato a estabelecer. Porém, o corpo-si também tenta investir a maneira de qualificar a situação, sendo o risco o fato de que a estabilidade das palavras da língua apaga a arte do Kairós, a instabilidade inevitável das situações a gerir. Daí as tentativas com soluções incertas de fazer sentir que o corpo-si nunca enfrentará duas situações de corte idênticas: “há cortes e cortes”.

Como toda renormalização é uma decisão de agir, uma maneira de decidir o debate de normas; como esta decisão sempre se apoia sobre uma arte do Kairós, cujos ingredientes articulam todos os tipos de informação, dos conhecimentos mais estáveis aos mais imersos na situação singular, dos mais verbalizáveis aos mais ocultos no corpo, o corpo-si é efetivamente o cadinho de decisão e do agir no

¹² Comentários dos profissionais em formação no Mestrado ATDC (conforme nota de pé de página anterior).

trabalho. Com esta bonita frase, “a entrada do corpo na linguagem”, temos a sensação de que o círculo se completou em relação ao enigma inicial da relação do corpo com a mente: quanto mais interessar ao corpo no trabalho, menos qualquer forma de dualismo parece defensável. Porém, nem por isso somos remetidos a uma heterodeterminação integral do agir pelas condições que lhe seriam externas.

Sem paradoxo, poderíamos dizer que, infelizmente, ainda é necessário fazer o mais difícil. Duas breves indicações.

Primeira indicação: diríamos que todo agir industrioso não é um debate de normas, mas uma sucessão e um encadeamento de debates, debates entre normas antecedentes e renormalizações. Porém, estas normas antecedentes são múltiplas, heterogêneas, às vezes contraditórias, pertencentes a referenciais diferentes: direito, civilidade, segurança, costumes, opinião pública, normas de cordialidade, gestonárias, organizacionais, hierárquicas, próprias de determinada administração, determinado serviço, determinadas afinidades, determinado projeto etc. Cada conjunto de normas cobre intervalos temporais sem nenhuma superposição, que podem variar desde aqueles muito longos – as normas jurídicas – até os mais breves – o emprego do tempo decidido para um dia. A cada momento de nossa vida – industriosa –, devemos tentar, sem nenhuma garantia de sucesso, tomar uma decisão de agir que leve em conta estes diversos conjuntos inseridos nestes intervalos heterogêneos. O corpo-si é obrigado a tentar integrar estas “circunstâncias indefinidamente variadas”¹³ em sua dinâmica de renormalizações. E a qualidade deste levar em conta afeta a verdadeira competência levada a efeito.

Porém, conforme vimos nos exemplos, esta renormalização implica uma sinergia em movimento com todos os níveis do corpo-si: a atenção ao encontro, a postura, o rosto, a voz, a escolha das palavras, a maneira de dizer, a extração da memória dos saberes pertinentes etc. Como é possível, como se pode coordenar esta sinergia muscular, nervosa, neural, visual, auditiva, cerebral?

¹³ Ver acima Trédé, 1992

Por conseguinte, um problema “horizontal” é levar em conta pelo corpo-si o universo heterogêneo de normas antecedentes em determinado momento, enquanto um problema “vertical” é colocar em sinergia os diferentes recursos do corpo-si para tentar tratar, momento após momento, o mais coerente e eficaz possível, os debates de normas aos quais não podemos escapar. Compreenderemos esta dupla definição da atividade humana para nós: a cada momento da vida, o tratamento de debates de normas (problema “horizontal”), problema de sinergia dos heterogêneos em nós (problema “vertical”). Difícil não falar do “enigma do corpo no trabalho”!

Segunda indicação: diversos campos do saber nos “convocam” a tentar desvendar este formidável enigma. Para relembrar: na atualidade, no domínio das neurociências, caberia uma reflexão sobre as investigações quanto à memória de trabalho (Alan Baddeley) e, mais recentemente, as pesquisas de Lionel Naccache e Stanislas Dehaene (2014), bem como o conceito de “espaço global de trabalho” ou *Global Neuronal Work* (Simon, 2017). No domínio da psicanálise, os trabalhos de Winnicott e o bonito livro de Gérard Mendel (“L'acte est une aventure”); ver também Lacan? Na arte do Kairós e a sinergia do corpo-si, é uma questão muito de inconsciente. Ora, é provável que exista uma dinâmica neuronal inconsciente, mas também de tipo analítico.

Bem, outros campos das ciências humanas ou as práticas empíricas deveriam interrogar-se, sem ignorar os limites que geram sua estabilização na sua seara.

Conclusão

Zapear sobre o corpo no trabalho é zapear sobre o trabalho, conforme anunciou-se e espero ter confirmado um pouco. O resultado do trabalho não é – apenas – a implementação de normas, prescrições, procedimentos, técnicas, mesmo que sejam indispensáveis. Não é apenas um “uso de si pelos outros”. É o resultado de uma arte do Kairós, que os leva em conta, mas deve reajustá-los, renormalizá-los de maneira incessante, em função do que sente, fisiológica e psicologicamente, daquilo que sabe, daquilo que quer ser. Portanto, um uso de si por si.

Qualquer governo do trabalho que funcione sobre a recusa deste uso de si, sobre uma visão frágil da linguagem, aquela que ignora a entrada do corpo na linguagem, está condenado a uma ineficácia parcial e a encadear crises locais recorrentes.

Porém, zapear sobre o enigma do corpo no trabalho é maltratar a própria filosofia, dissemos. Como falar do corpo, da alma, da inteligência, da linguagem, da saúde, das normas, daquilo que cotidianamente faz a história no nosso dia-a-dia (debates de normas e renormalizações), do estatuto de valores, sem estar imerso nos insondáveis enigmas do corpo no trabalho?

Referências bibliográficas

CANGUILHEM G. (1966), *Le Normal et le Pathologique*, Paris, Presses Universitaires de France.

CANGUILHEM G. (2015), *OEuvres Complètes*, Tome IV, Paris, Librairie Vrin.

CASTEJON C. (2017), « Il y a coupure et coupure », *Communication au cinquième Congrès « Philosophie(s) du Management »*, IAE de Metz.

DEHAENE S. (2014), *Le code de la conscience*, Paris, Odile Jacob.

GUEROULT M. (1953), *Descartes selon l'ordre des raisons*, Tome II, Paris, Aubier Montaigne.

JOUANNEAUX M. (1994), « Le moment de l'action », *Performances humaines et Techniques*, Septembre, hors série.

JOUANNEAUX M. (2011), *De l'agir au travail*, Toulouse, Octarès Éditions.

MARX K. (1968), *Misère de la Philosophie*, Paris, Éditions Sociales.

MENCACCI N., CHATONEY M. et LAISNEY P. (2011), « *La créativité de l'agir : le cas des ingéniosités éducatives de l'instant d'un enseignant de technologie. A tribute to Jean Charles Lebahar : la créativité s'enseigne-t-elle ?* », Université de Provence, IUFM Aix-Marseille, 26-27 janvier.

- MENDEL G. (1998), *L'acte est une aventure*, Paris, La Découverte.
- NIETZSCHE F-W. (1883), 1958, *Ainsi parlait Zarathoustra*, Paris, Mercure de France.
- ODDONE I. (1981), *Redécouvrir l'expérience ouvrière*, Paris, Éditions Sociales.
- PETRUS A. (2017), *Da atividade de Trabalho nos trilhos ao debate político e epistemológico sobre penosidade*. Thèse Université Fédérale du Minas Gerais et Université de Porto, Belo Horizonte.
- SCHWARTZ Y. (1987), « Travail et Usage de soi », dans *Je, sur l'Individualité*, Paris, Editions sociales. Réédité dans *Travail et Philosophie*, Convocations Mutuelles, Toulouse, Octarès Éditions, 1992.
- SCHWARTZ Y. (2000 a), « Philosophie et Ergologie », *Bulletin de la Société Française de Philosophie*, Paris, Librairie Vrin.
- SCHWARTZ Y. (2000 b), *Le Paradigme Ergologique ou un métier de Philosophe*, Toulouse, Octarès Éditions.
- SCHWARTZ Y., DURRIVE L. (2016), *Trabalho e Ergologia II. Diálogos sobre a atividade humana*, Belo Horizonte, Fabrefactum.
- SCHWARTZ Y. (2007), « Un bref aperçu de l'histoire culturelle du concept d'activité », *Revue @activités*, vol. 4, n° 2, p. 122-132.
- SIMON T. (2017), Communication au colloque Penser et réaliser la transformation du travail. *L'apport de la démarche ergologique et de l'oeuvre d'Yves Schwartz*, 12 et 13 octobre, Paris. Disponible en : <<https://ergologie.hypotheses.org/category/contributions/contributions-table-ronde-n3>>.
- SIMON T. (2019), L'énigme d'un corps-soi est-elle à l'épreuve des savoirs neuroscientifiques? *Revista Ergologia*, n. 20, no prelo.
- TAYLOR F. W. (1911, 1912) 1971, *La Direction Scientifique des Entreprises*, Paris, Éditions Dunod.
- TREDE M. (1992), *Kairos, l'à propos et l'occasion* (le mot et la notion, d'Homère à la fin du IVème siècle avant J.C), Paris, Éditions Klincksieck.

VERNANT J.-P. (1969), *Mythe et Pensée chez les Grecs*, Paris, Éditions Maspéro.

WISNER A. (1995), *Réflexions sur l'ergonomie (1962-1995)*, Toulouse, Octarès Éditions.